



NARRAR O *PATHOS*: O MOVIMENTO FENOMENOLÓGICO DA VIDA

JANESSA PAGNUSSAT¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo descrever o *pathos* na teoria fenomenológica de Michel Henry através da perspectiva narrativa de Paul Ricoeur. Inicialmente, far-se-á uma exposição da fenomenologia material de Henry abordando a afetividade que se manifesta no *pathos*. Essa teoria originária descreve uma fenomenalidade pura do ser em que os afetos são desvelados em sua imanência. A subjetividade patética ocorre a partir desse desvelamento na interioridade e obscuridade ontológica. Assim, os afetos, os sentimentos e as emoções são dados na invisibilidade da vida. Posteriormente, pretende-se apresentar a linguagem como possibilidade de narrar o *pathos* subjetivo. Nesse sentido, utilizar-se-á a teoria narrativa de Ricoeur para expor esse pressuposto. Por fim, apesar de Henry não considerar a linguagem como necessária para a manifestação afetiva intersubjetiva, defende-se a ideia de que é possível narrar o *pathos* quando o sujeito exterioriza seus sentimentos pela linguagem e ao contar suas histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE: *Pathos*. Subjetividade. Michel Henry. Narrativa. Paul Ricoeur.

ABSTRACT: This article aims to describe the *pathos* in Michel Henry's phenomenological theory through the narrative perspective of Paul Ricoeur. Initially, an exposition of Henry's material phenomenology will be made addressing the affectivity that manifests itself in the *pathos*. This original theory describes a pure phenomenality of being in which the affections are unveiled in its immanence. The pathetic subjectivity occurs from this unveiling in interiority and ontological obscurity. Thus, affections, feelings and emotions are given in the invisibility of life. Later, it is intended to present the language as a possibility to narrate the subjective *pathos*. In this sense, Ricoeur's narrative theory will be used to expose this assumption. Finally, although Henry does not consider language as necessary for intersubjective affective manifestation, the idea is defended that it is possible to narrate the *pathos* when the subject externalizes his feelings by language and by telling his life stories.

KEYWORDS: *Pathos*. Subjectivity. Michel Henry. Narrative. Paul Ricoeur.

A fenomenologia é uma área da filosofia que permite descrever os fenômenos que aparecem ao ser ontológico. A contemporaneidade é marcada por questionamentos e concepções acerca da constituição da subjetividade da qual muitos filósofos construíram suas teorias embasadas a partir da Filosofia Moderna, do cartesianismo e do próprio retorno aos conceitos contemporâneos já existentes abordando-os através de um novo ponto de vista.

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: janessapagnussat@hotmail.com.

Michel Henry é um dos filósofos contemporâneos que apresenta uma teoria sobre a subjetividade a partir da fenomenalidade pura. Ele se apoia em vários filósofos para compor a originalidade de seus estudos e rejeita a concepção de racionalidade cartesiana, apesar de considerar que Descartes identificou o aparecer que antecede ao ser, porém não conseguiu percorrer esse caminho². Além disso, a teoria henryana traz pressupostos da fenomenologia histórica de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, justificando que essas teorias não conseguiram trazer a origem do Ego, o aparecer do Ser, a fenomenalidade pura que antecede a ontologia. Portanto, ele propõe uma inversão fenomenológica em que esse autoaparecer do ser é doação pura, sem a necessidade da intencionalidade para se relacionar com o mundo ou de uma redução transcendental para sua existência.

Michel Henry foi orientado por Paul Ricoeur, mas o método fenomenológico descrito por ambos se distingue em diversos aspectos. Enquanto Ricoeur sugere uma fenomenologia hermenêutica, Henry adota uma fenomenologia mais radical e originária que vem sendo considerada uma das mais profundas do século XX e estudada por diversas áreas das Ciências Humanas e da Saúde, como a filosofia, a psicologia, a psicanálise e a medicina. Portanto, o objetivo ao longo desse texto é trazer a concepção de *pathos* presente na fenomenologia de Henry, descrevendo-a como afetividade que se manifesta na imanência do ser. Nesse sentido, a possibilidade de narrar o *pathos*, ou seja, narrar a afetividade subjetiva pode articular-se com a teoria de Ricoeur através da linguagem narrativa. Nessa perspectiva, procuraremos vincular esses dois filósofos apresentando o modo pelo qual o *pathos* pode ser exteriorizado ao mundo por meio da linguagem.

O *pathos* subjetivo

Michel Henry traz a concepção de uma fenomenologia originária a partir da essência fenomenológica que se manifesta no ser. Essa manifestação imanente³ é o aparecer do fenômeno em sua própria doação a si mesmo. Através de sua extensa obra *L'essence de la manifestation*, ele procura explorar essa fenomenologia em sua forma mais pura e absoluta. Desta forma, apresenta seus estudos fenomenológicos que vem sendo cada vez mais notados pelos estudiosos, filósofos, fenomenólogos e pesquisadores que buscam entender a questão do sujeito e o modo pelo qual ocorre o desvelamento fenomenológico-ontológico. Portanto,

² Sobre este tema cf. capítulo “Videre Videor” da obra *Genealogia da Psicanálise* (HENRY, 2009, 49-80).

³ A imanência descrita por Henry se difere daquela apontada por Husserl. Segundo Grzibowski (2019, p. 55) “a essência sendo imanente e não transcendente, é impossibilitada por ela mesma de manifestar outra coisa que ela não é. Isso porque na sua originalidade ela é e manifesta somente aquilo que traz na sua essência própria”.

“assim, como estudiosos e tradutores, concorda-se que, o pensamento de Michel Henry não pode mais passar sem ser notado pela história do pensamento filosófico contemporâneo, não apenas pelas questões levantadas, mas principalmente pela originalidade e singularidade com que pensou a vida” (PRASERES, 2017, p. 105). Nesse sentido, traremos a importância de evidenciar a fenomenologia henryana para o estudo do sujeito.

Na Fenomenologia da Vida ou Fenomenologia material, Henry procura descrever os fenômenos que se desvelam no ser e são revelados a si mesmo, em sua própria experiência. Ou seja, a vida se experimenta a si mesma em sua própria autoafecção⁴, autorrevelação, autoadoção, já que “é somente por meio da afetividade de sua autoafeção que há acesso a vida, na relação consigo mesma, em seu fundamento ontológico” (PRASERES, 2017, p. 101). O autoaparecer da fenomenalidade pura ao ser constitui a vida fenomenológica imanente e originária. Antes mesmo que eu possa me dar conta de minha existência, sou autoafectado por esses fenômenos que me aparecem e que se manifestam em minha subjetividade.

A vida fenomenológica se caracteriza por esses fenômenos originários, absolutos, imediatos, imanentes e manifestados no ser. Assim, cada ser é um vivente e cada vivente possui um *pathos* fenomenológico onde são revelados os afetos, os sentimentos e as emoções. A afetividade revelada no *pathos* subjetivo é a grande tese que Michel Henry apresenta na sua profunda teoria chamada Fenomenologia da Vida ou Fenomenologia Material.

A afetividade se torna o tema essencial para seus estudos do ser em que os afetos são manifestados no *pathos* subjetivo e isso torna cada subjetividade única e originária diferenciando-se dos demais seres humanos. Segundo Praseres (2017, p. 92), a “Afetividade como ponto de partida para intuição do mundo, possibilitando, assim, uma renovação da fenomenologia e suas questões, buscando compreender a essência da Vida”. Assim, cada ser é afetado em si mesmo por fenômenos que lhe são dados e revelados em sua própria essência de forma imanente, sem dúvidas de seu modo de autoafectar o ser, já que na medida que são manifestados eles se revelam de forma imediata, em sua própria essência e em sua própria originalidade. Essa subjetividade originária se distingue de toda a racionalidade, pois a autoafecção é algo que se manifesta antes mesmo do próprio pensamento, mas que se dá de forma imediata a ele.

O si, ele se experimenta a si mesmo, prova-se a si mesmo, sente-se a si mesmo. Todo ser é um si mesmo (passividade), somos passivos. *Pathos*, paixão, afeção, vida patética, é a própria afeção, o corpo é subjetivo. Para Henry nós não temos uma

⁴ Através da autoafecção, o ser é afetado em si mesmo e afeta aos outros, em sua manifestação pura. Conforme Praseres (2015, p. 18), o processo de autoafecção é “a experiência de si mais íntima possível, a qual Henry denomina de Vida”.

interioridade, somos a interioridade, *pathos* é definido como subjetividade originária transcendental, vai se revelando, se autorevela a mim. (PRASERES, 2017, p. 94)

Nesse sentido, a afetividade é a matéria fenomenológica manifestada no *pathos* da vida, onde cada sujeito vive e experiencia seus próprios afetos. Assim, a vida se conhece a si mesma, pois ela é pura afecção imanente em sua fenomenalidade absoluta. Para tanto, Henry afirma também que jamais podemos conhecer a vida tal qual ela se revela no *pathos*, na sua obscuridade, nas profundezas da afetividade subjetiva. A obscuridade da vida é designada por aquilo que aparece ao ser de forma imanente e somente a ele é revelado⁵. Já o mundo é a exteriorização da vida, o outro lado do aparecer do ser, mas somente o que eu sinto em minha subjetividade posso conhecer, pela própria experiência que ocorre em mim mesmo e que não poderei demonstrá-la senão através do que se revela a mim. Portanto, somente em mim tenho essa experiência de sentir-me triste, sentir-me alegre, sentir dor. Por mais que eu tente descrever esses afetos que se dão em mim, jamais conseguirei evidenciá-los tal qual eles me aparecem.

Henry cita um exemplo em várias de suas obras que justifica essa afetividade da vida como matéria fenomenológica originária do ser e o corpo como subjetividade pura: a dor é um afeto manifestado no *pathos* e é doada de forma imanente, antes mesmo de ser anunciada ou revelada a alguém, eu a sinto em minha subjetividade, sem que eu possa explicá-la ou representá-la tal como eu a estou sentido. Essa dor sendo afetiva me invade como um todo em seu desvelar patético, em sua pura manifestação fenomenológica, “porque eu não posso não estar na minha dor, na dor que sinto: sinto-a em mim enquanto existindo num corpo dotado de sentidos, num corpo que sente, no corpo que sou. Sinto-a em apelo de modalização do sentir. Sofrer/fruir é a tessitura originária da nossa vivência” (MARTINS, 2014, p. 27). O sentir-se a si mesmo se dá pelo sofrimento e fruição enquanto vivências originárias da vida⁶. Para tanto, o aparecer no mundo se dá em um processo posterior ao aparecer da vida quando a afetividade pode ser exteriorizada. Nesse sentido, nossos sentimentos e paixões são exteriorizados aos outros sujeitos, mas somente o que eu sinto pode ser verdadeiro, já que ao exteriorizar esses afetos o outro jamais poderá conhecê-los de fato.

Por isso, Henry (2014) descreve dois modos de aparecer: aparecer da vida e aparecer no mundo. São dois modos pelos quais os fenômenos são revelados, mas ambos ocorrem de

⁵ Segundo Wondracek (2010, p. 63), essa obscuridade da noite “é usada por Henry para denominar o campo a ser perscrutado pela fenomenologia da Vida, em oposição as coisas que se mostram na luz do aparecer. A vida é invisível, mas ainda assim não é um Nada fenomenológico; longe disso, justamente é nela que o aparecer surge originariamente em si mesmo”.

⁶ Conforme evidencia Ferreira e Antúnez (2014, p. 310), “a relevância do sofrimento e da fruição para a constituição da subjetividade é um aspecto essencial na fenomenologia da vida de Michel Henry”.

maneira imediata e imanente. O aparecer no mundo é o modo de exteriorizar os afetos que são dados no aparecer da vida, é trazer à luz do mundo o que se encontra na obscuridade da vida. Porém, levando em consideração a concepção de que a vida é obscura, dada em sua imanência, na manifestação no *pathos*, como é possível acessar essa invisibilidade da vida?

A teoria de Henry é estudada também na psicologia e psicanálise justamente pela interpretação dos afetos que se manifestam na interioridade da vida, em sua invisibilidade, no seu *pathos*. Ferreira e Antúnez (2014) buscam nos fundamentos henryanos elementos que possam ajudar na compreensão de um estudo de caso de um menino surdo, já que somente a psicanálise não conseguiria fornecer os subsídios teóricos necessários para esse caso. O menino surdo não possuía a linguagem oral para se comunicar e era necessário compreender o que se passava na obscuridade de sua subjetividade, pois ele não tinha o apoio da linguagem para narrar seus afetos, suas emoções, suas angústias e as suas dificuldades. A importância do *pathos* e da afetividade na psicanálise e no estudo de casos como o citado por Ferreira e Antúnez é relevante para “compreender e se apropriar dessas vivências afetivas como formas de comunicação e do estabelecimento do encontro ético humano na relação terapêutica” (FERREIRA; ANTÚNEZ, 2014, p. 274).

Apesar da inexistência da oralidade em estudos psicanalíticos como o que acaba de ser mencionado, percebemos também a necessidade da linguagem como um elemento para que essa obscuridade subjetiva possa ser exteriorizada e o psicanalista compreenda esses fenômenos que afetam o ser contribuindo para que o sofrimento se transforme em fruição. O próprio Henry (2014, p. 308) destaca que os “*fenômenos do invisível são descritíveis*”. Assim, na medida em que a linguagem colabora para que a afetividade manifestada no *pathos* seja descritível, “o ego fala de si ao falar da Vida em si, da vivência da relação” (ANTÚNEZ; WONDRACEK, 2012, p. 5). Portanto, utilizaremos a seguir a concepção ricoeuriana da narrativa para colaborar com a possibilidade do aparecer da invisibilidade da vida no mundo através da linguagem que permite descrever, explicar e exteriorizar os afetos manifestados no *pathos*.

Interlocuções entre Michel Henry e Paul Ricoeur: a possibilidade de narrar o *pathos*

Paul Ricoeur é um filósofo que descreve a narratividade para a constituição da identidade pessoal. Ele traz uma perspectiva fenomenológica distinta da teoria henryana por apresentar a fenomenologia através de um viés reflexivo e hermenêutico, o que ele justifica ainda na obra *O conflito das Interpretações* (1988). Além disso, para Ricoeur (2016), a vida compreendida entre o nascimento e a morte do sujeito traz alguns paradoxos da identidade. Na

obra *O si-mesmo como outro* (2014), ele apresenta a problemática da identidade pessoal vinculada a narrativa: o modo pelo qual contamos nossas histórias de vida constitui nossa identidade, assim como o modo pelo qual os acontecimentos são configurados na narrativa permitem uma hermenêutica do Si⁷.

Nessa perspectiva, a relação que se pode estabelecer entre Michel Henry e Paul Ricoeur é bem complexa e demanda um estudo aprofundado dos conceitos desses filósofos contemporâneos que fazem um retorno a vários outros filósofos e fenomenólogos para compor suas teorias. Para tanto, o que nos parece é que Henry não considerou a linguagem tão importante tanto quanto Ricoeur tenha considerado. Partimos do pressuposto de que Henry não a considera essencial para demonstrar a afetividade, já que pela sensibilidade da vida é possível reconhecer e sentir os afetos dos outros.

Al poder de sentir algo, es decir, de recibirlo y ser afectado por ello, en la medida en que esta afección se realiza por médio de un sentido y, finalmente, del sentido interno, la llamamos sensibilidad. La afectividad, por el contrario, es la forma de la esencia en la que ésta es afectada no por otra cosa sino por ella misma, de manera que esta afección original como autoafección, como sentimiento de sí, la constituye y la define. (HENRY, 2015, p. 441)

A sensibilidade e a afetividade da vida são conceitos importantes para a compreensão da revelação dos afetos no ser. Enquanto Henry traz a linguagem afetiva em que as relações intersubjetivas ocorrem através do entrecruzamento de afetos que são manifestados pela vida em sua imanência pura, Ricoeur traz a linguagem em uma dimensão da narratividade. Deste modo, a narrativa pode ser entendida como uma forma de exteriorizar os afetos manifestados no *pathos* da vida. Assim, apresentamos a possibilidade de narrar o *pathos* ao vincularmos com a teoria narrativa de Ricoeur por meio do uso da linguagem para trazer à luz do mundo a vida afetiva fenomenológica.

Porém, é preciso evidenciar que somente a linguagem intencional e a comunicação formal não são conceitos que Henry poderia concordar a partir do que descreve em sua teoria da Fenomenologia da Vida. Ricoeur (1988; 2014; 2016) ao designar a vida a partir do ato reflexivo do sujeito no mundo se distancia da fenomenologia da vida de Henry. O intuito de trazer à tona a linguagem narrativa como forma de exteriorizar os afetos não altera o modo pelo qual eles são doados ao ser, já que se trata de algo posterior ao aparecer fenomenológico que antecede a própria existência ontológica. A vida e a afetividade se relacionam na medida em que a subjetividade pura surge a partir do *pathos* fenomenológico.

⁷ Conforme Pagnussat (2020, p. 104), “a identidade narrativa é responsável pela construção da identidade pessoal, pois ao narrar o sujeito revela seu modo de ser, contando suas histórias de vida, suas experiências e suas expectativas. Segundo Ricoeur, pela hermenêutica do si a identidade narrativa é constituída”.

Para Henry (2011), a comunicação de afetos entre os sujeitos pode dar-se como não verbal, enquanto Ricoeur (2014) apresenta a narrativa como constituinte da identidade pessoal não sendo possível afirmar a identidade sem a linguagem pela qual narramos nossas vivências, nossas histórias de vida e também as biografias dos outros sujeitos. A fenomenologia ricoeuriana se volta sempre para uma hermenêutica do Si, enquanto Henry apresenta a fenomenologia como fenomenalidade pura.

Para Henry, a vida se dá no sentir-se a si mesmo, na sua própria manifestação, em sua autoafecção, em que “o mover-se com o outro na Vida no momento presente, aderido à vida, afetado, não é possível de ser realizado teoricamente ou somente pelo uso da representação, pois se trabalha com o não dito, com o originário, com os afetos e com o corpo” (FERREIRA; ANTÚNEZ, p. 282). Nesse sentido, a teoria henryana extrapola a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur na medida que a afetividade designa a vida, anterior a própria linguagem e a narrativa.

As modalizações afetivas do sofrer e do fruir não são entendidas como separadas, mas como tonalidades afetivas manifestadas no *pathos* e que podem transmutar-se, “portanto, ocorrem no afeto e pelo afeto. Nesse sentido, não são desencadeadas pela fala e pelas interpretações em si, mas pela mobilização afetiva dela resultantes” (FERREIRA; ANTÚNEZ, p. 283). Isso justifica a afetividade como anterior as interpretações do Si e da narrativa defendidas por Ricoeur. Em certa medida, a fala seria um modo de exteriorização dos afetos através do narrar-se, mas que não se torna necessário na teoria henryana já que a manifestação patética pode ocorrer de modo intersubjetivo entre viventes que se sentem a si mesmos e sentem a necessidade de ajudar o outro em seu sofrimento e em suas modalizações afetivas negativas, transformando-as em fruição. São através dessas modalidades afetivas de sofrimento e fruição que possibilitam a constituição da vida na teoria henryana.

Para tanto, considerando essa tese e a partir da concepção ricoeuriana de *L'homme capable*⁸ em que o sujeito sofre e age, não há como pensar na vida sem pensar na vulnerabilidade do ser humano capaz que narra sua vida e toma a questão *Quem sou?* numa perspectiva de reflexão fenomenológica hermenêutica da afetividade. Nesse sentido, na medida em que há um questionamento sobre minha própria identidade, também surgem implicações pelas quais a afetividade influencia no modo pelo qual as vivências e as ações do sujeito são narradas. Levando em consideração a subjetividade e a afetividade encarnadas, ambos os

⁸ A concepção de homem capaz (*L'homme capable*) é trazida por Ricoeur ao longo da obra *O si-mesmo como outro* através da pergunta *Quem?* que corresponde as capacidades de narrar, agir, falar e imputar.

filósofos rejeitam a racionalidade cartesiana como constituinte do sujeito, justificando a fenomenologia como possibilidade para o agir humano e a intersubjetividade. Relacionando com o que já fora afirmado sobre a afetividade em Henry, a relação intersubjetiva permite que o sujeito consiga expor o sofrimento e as angústias que se encontram na interioridade da vida e “a relação com a alteridade ocorre originariamente no *pathos*, em uma dialética de afetos entre Si(s) doados na Vida e no registro da duplicidade do aparecer dos fenômenos, visível e invisível” (FERREIRA; ANTÚNEZ, p. 275).

Assim, a intersubjetividade é essencial para entender as vivências afetivas de cada ego, em sua fenomenalidade pura, em sua afetividade manifestada no *pathos*. Isso se torna necessário para a compreensão de seus próprios afetos ou pela necessidade de ajuda para tornar o sofrimento em fruição formando uma comunidade interpatética. A imanência subjetiva e originária em cada ser vivente “permite que o afeto apareça em sua fenomenalidade pura, possibilitando a abertura ao outro” (FERREIRA; ANTÚNEZ, p. 278). O modo como narramos e contamos nossas histórias de vida colabora para a compreensão de nossas vivências e afetos, pois procuramos manifestar em palavras o que se encontra em nossa interioridade. A relação com os outros permite um reflexo fenomenológico que contribui para nossa vida e para o agir humano. Nesse sentido, a intersubjetividade possibilita a reflexão fenomenológica-hermenêutica pelo narrar a si mesmo (Ricoeur) e a manifestação das afetividades vivenciadas fenomenologicamente (Henry).

A importância da narrativa literária para o vínculo entre a linguagem e a afetividade

Michel Henry, além de filósofo e fenomenólogo, escreveu alguns romances como *O jovem oficial* e *O amor de olhos fechados*, pelos quais descreve a Fenomenologia da Vida de uma forma mais literária, ou seja, ele traz uma perspectiva de pensar a vida a partir da narrativa literária. Essa vida que se manifesta no *pathos* permite pensar a relação com a literatura na medida em que o leitor se aprimora dos personagens, toma seu lugar e seus sentimentos. Ao escrever seus romances, Henry apresenta uma forma de narrar a vida e seus afetos. Nessa perspectiva, ele descreve os afetos que se manifestam nos viventes e os invadem na interioridade da vida de tal maneira que não conseguem fugir deles. Mesmo que o sujeito percorra outros lugares mundanos, a afetividade se revela na invisibilidade da vida, nesse desvelar patético imanente. No romance *O jovem oficial*, Henry apresenta isso de forma mais clara ao descrever o sofrimento e os sentimentos do jovem oficial ao qual foi lhe dada a missão de exterminar os ratos do navio.

Enquanto isso, Ricoeur (1994; 2014) aborda a relação entre a narrativa e a ficção literária para compor sua identidade pessoal, já que as experiências de vida narradas não correspondem a ordem cronológica pelas quais elas ocorreram. O sujeito configura os fatos experienciados na medida em que compõe a narrativa e sua história de vida. Nesse sentido, “a identidade pessoal é essa perpétua re-configuração, essa constante aplicação reflexiva das múltiplas histórias verídicas narradas a si e sobre si própria” (FERNANDES, 2008, p. 81).

Assim como em Ricoeur, utilizamos a concepção de narrativa não somente no que se refere a fala, mas também a escrita das experiências subjetivas. Nessa perspectiva, a necessidade de exteriorizar nossas angústias, medos, sofrimentos e até mesmo a vibração afetiva da alegria que nos afeta pode dar-se através da fala tanto quanto através do ato de escrever essas vivências afetivas. Muitos desses fatos se tornam narrativas literárias na medida em que escritores descrevem suas afecções manifestadas no *pathos*. Os sentimentos de sofrimento ou de fruição são expostos em escritos que se tornam livros de romance, por exemplo, de tal maneira que há a possibilidade do leitor vivenciar afetivamente a experiência do personagem fictício.

Nesse sentido, levando em consideração a relação de Ricoeur com o texto literário, ao lermos um romance, várias tonalidades afetivas podem vir à tona através desse vínculo entre a linguagem ricoeuriana e a afetividade henryana. Para tanto, essa aproximação pode se tornar importante a partir de alguns exemplos, como a mudança de uma tonalidade afetiva do sofrimento para a fruição ao lermos uma narrativa literária, ou ainda no útero da mãe, quando a criança já sente a sensibilidade da vida que vai se materializando através da voz materna que é absorvida. Neste ponto de vista, a linguagem se torna a expressão de vida que se manifesta em sua subjetividade e sensibilidade.

Canullo (2007) procura incluir no movimento da vida o sentir: sentir-se a si mesmo e sentir os outros. Ela afirma a possibilidade de narrar o *pathos* (*narrare il pathos*) como uma forma de acesso a vida que se manifesta em sua interioridade. Assim, o narrar traz o pressuposto de incluir nesse movimento da vida, os afetos que são sentidos na imanência do ser. Surge, então, a hipótese de incluir na teoria henryana a possibilidade da narrativa na medida em que a vida invisível pode ser narrada. Porém, não como uma intencionalidade, mas como um processo de atenção à fenomenalidade do *pathos*, pois “narrar o *pathos* é narrar a afetividade como ela se dá, em sua subjetividade imediata, sem atribuir significados, com suas ressonâncias, tonalidades, formas e temas, sem fazer separação ou explicitar o que é exterior ou interior, visível ou invisível” (FERREIRA; ANTÚNEZ, p. 284).

Portanto, narrar o *pathos* significa narrar os afetos e as vivências subjetivas que são doados ao ser em sua invisibilidade e que podem aparecer no mundo quando o sujeito utiliza a linguagem para contá-los. Assim, como destaca Canullo (2007, p. 7), “tale vita invisibile, diversa dall’oggetto dela biologia, pou’ essere raccontabile, narrabile; o meglio, è *narrata*”, já que a narrativa traz a expressão de vida que se prova a si mesma em sua subjetividade patética e em sua experiência absoluta.

Considerações finais

Ao longo do texto, evidenciamos algumas interlocuções entre Michel Henry e Paul Ricoeur a partir da possibilidade de narrar o *pathos* subjetivo. Henry apresenta a Fenomenologia da Vida ou Fenomenologia Material em que a vida se manifesta em sua fenomenalidade pura e originária, sendo que a afetividade é a matéria fenomenológica imanente que se revela no *pathos*. Nesse sentido, a vida tem o poder de sentir-se a si mesma em sua autoafecção. Para tanto, descrevemos que Henry não considera a linguagem narrativa como essencial para a revelação desses afetos no aparecer do mundo, já que o próprio desvelamento afetivo dá acesso a intersubjetividade pelo sentir a si mesmo e sentir os outros afetos. Nessa perspectiva, enquanto Henry apresenta uma fenomenologia da vida afetiva, Ricoeur adota a fenomenologia hermenêutica-reflexiva para a compreensão da identidade pessoal.

Apesar das divergências no modo pelo qual cada um desses filósofos concebe a vida do sujeito, há a possibilidade de considerar a narrativa ricoeuriana para exteriorizar os afetos que se manifestam no *pathos* invisível da vida. A literatura também pode contribuir para a compreensão desses fenômenos que aparecem na interioridade do ser e que podem ser descritíveis. Narrar o *pathos* é narrar o movimento fenomenológico da vida, sua invisibilidade, atribuindo significados, transmutando as tonalidades afetivas negativas em positivas. Portanto, a vida se experimenta em sua própria subjetividade e a narrativa é um modo de acesso a vida fenomenológica patética; eis a tese que teceu os estudos desse texto embasados na teoria de Michel Henry e Paul Ricoeur.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÚNEZ, A.E.A; WONDRACEK, K.H.K. Fenomenologia em Michel Henry: implicações na psicopatologia e psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18 (1), p. 3-12, 2012.
- CANULLO, Carla. *Michel Henry: narrare il pathos*. Presentazione. Macerata: Edizione Università di Macerata, 2007.

FERNANDES, Sara M. de Matos Roma. Identidade narrativa e identidade pessoal: uma abordagem da filosofia de Paul Ricoeur. *Revista Philosophica*, Lisboa, p. 75-94, 2008.

FERREIRA, M. V.; ANTÚNEZ, A.E.A. Narrando o *pathos* na psicoterapia: contribuições da fenomenologia da vida de Michel Henry. In: ANTÚNEZ, Andrés E. A., MARTINS, Florinda, FERREIRA, Maristela V. (Orgs). *Fenomenologia da vida de Michel Henry: Interloquções entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 273-289.

FERREIRA, M. V.; ANTÚNEZ, A.E.A. Fenomenologia de Michel Henry e a clínica psicológica: sofrimento depressivo e modalização. *Psicologia em Estudo*, v. 19, n. 2, p. 309-219, 2014.

GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia do corpo subjetivo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. *Voluntas*, Santa Maria, v.10, n.1, p. 53-61, 2019.

HENRY, Michel. *Genealogia da Psicanálise: o começo perdido*. Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: UFPR, 2009.

HENRY, Michel. *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011.

HENRY, Michel. *O jovem oficial*. Trad. Pablo Simpson. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

HENRY, Michel. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2014.

HENRY, Michel. *La esencia de la manifestación*. Traducido por Mercedes H. Luxán y Miguel García-Baró. Salamanca: Sígueme, 2015.

HENRY, Michel. *O amor de olhos fechados*. Trad. Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações Editora, 2015.

MARTINS, Florinda. Fenomenologia da vida: O que pode um sentimento?. In: ANTÚNEZ, Andrés E. A., MARTINS, Florinda, FERREIRA, Maristela V. (Orgs). *Fenomenologia da vida de Michel Henry: Interloquções entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 15-31.

PAGNUSSAT, Janessa. Identidade pessoal em Paul Ricoeur: a hermenêutica do si e a dialética idem-ipse. In: PURIFICAÇÃO, M.M., VITORINO, C.C., RODRIGUES, E.M. (Orgs). *Investigação Científica nas Ciências Humanas 4* [recurso eletrônico]. Ponta Grossa: Atena, 2020, p. 100-110.

PRASERES, Janilce Silva. *Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

PRASERES, Janilce Silva. Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry. In: *Corpo e Afetividade: atas/Colóquio Internacional Michel Henry*. (Coords). Ana Paula Rosendo, Carlos Morujão. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017, p. 89-107.

RICOEUR, Paul. *O conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. M. F. Sá Correia. Porto: Rê, 1988.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa - Tomo I*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, P. Os paradoxos da identidade. In: WU, Roberto; NASCIMENTO, Claudio R (Orgs). *Pensar Ricoeur: Vida e narração*. Porto Alegre: Clarinete, 2016.

WONDRACEK, K. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.